

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 35

Nº 209

**JULHO - AGOSTO
2016**

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	4
1500-592 Lisboa	Descrucificação do Cristo	7
Telefone : 217 647 441	Fé (Soneto)	10
*	Intercessão Providencial	11
Director Responsável :	Deus (Soneto)	21
Manuela Vasconcelos	Estela dos Prazeres Apell	22
	Dividas Cármicas	25
*	O que Jesus significa p^a mim	28
Tiragem : 150 exemplares	Procuremos com zelo	31
Distribuição Gratuita		
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

EDITORIAL

O mês de Junho tem para nós um significado diferente do vulgar pois é neste mês que lembramos, sempre, a inauguração da nossa Casa, comemorando o seu aniversário com alegria, boa disposição mas, acima de tudo, com a gratidão que devemos ao Alto pelo auxílio que sempre nos dá, e pelo incitamento com que nos impulsiona a continuarmos, tentando fazer sempre... mais e melhor!

É difícil, considerando que temos sempre presente a nossa própria imperfeição, mas lembrando as palavras com que iniciámos a nossa tarefa, e mantemos até hoje – procuremos dar sempre o nosso melhor – sentimos que, na nossa sinceridade, como na nossa fé e amor ao próximo, os Mensageiros Divinos, que agem em nome de Deus, retiram de nós o melhor para que o auxílio chegue a uns e a outros.

Por outro lado, a nossa dádiva, ou antes, a nossa entrega à tarefa que assumimos, ajuda-nos a nós próprios, e não sentimos que “perdemos” tudo aquilo que, ao longo dos tempos, fomos pondo de lado – porque, em troca, as opções que fizemos ajudaram-nos a procurarmos o melhor caminho para cada um de nós... prolongando, para além dos laços sanguíneos da família onde estamos inseridos, aqueles outros laços que representam, afinal, a família espiritual terrena!

Somos felizes assim – embora nós próprios afirmemos que “a felicidade não é deste mundo” – sentindo que, no dia a dia, que já somam anos, das várias opções que sempre surgem na vida de cada um, soubemos escolher o melhor caminho!

No dia 19 a nossa Casa comemorou 35 anos, embora o grupo exista há mais três; de todos aqueles que o compuseram, no seu início e na inauguração do Centro, restamos nós – o que nos dá a certeza de, quando chegar a nossa vez de sermos “transferidos”, teremos vários amigos a aguardarem-nos... esses e mais aqueles outros que, despertos, não conhecemos, mas com quem ombreamos, certamente, quando, espiritualmente, nos deslocamos até mais perto do “outro lado”, para aprendermos e confraternizarmos com aqueles outros que nos ajudam, protegem e orientam.

Por vezes, perguntam-nos se não estamos arrependidos da opção que tomámos; das primeiras vezes, talvez tivéssemos demorado um pouco mais que o normal a nossa resposta. Depois, ela passou a ser rápida e segura: Nunca! E se cada um dos que optou por este mesmo caminho analisar o que foi antes, e o que passou a ser “depois”, concluirá, como nós, que a sua opção fez de si o principal beneficiado. Com os outros, aprendemos o que devemos e não devemos fazer e a nossa preocupação de darmos o exemplo obriga-nos a estarmos sempre mais vigilantes dos nossos próprios actos.

A nossa Casa fez 35 anos! Quantos “membros” mais ela aliciou para a nossa família? Quantos seremos hoje em dia? Saberemos contá-los, quando a ocasião se proporcionar? Depois, saberemos; até lá, que o Senhor nos ajude a que continuemos sempre... a dar o nosso melhor!

A DIRECÇÃO

PALAVRAS DE KARDEC

Iniciamos, com este número, a transcrição de outra obra de Kardec e escolhemos OBRAS PÓSTUMAS. Poderão dizer, com razão, que este livro não faz parte do pentateuco kardequiano, mas encontramos ali tantos ensinamentos, nas páginas que não fazem parte dos restantes livros, que decidimos por esta escolha.

Creemos que, com as transcrições que escolhermos, os nossos leitores acabarão por concluir, como nós, que “a escolha foi acertada”!

E porque ele foi o Codificador da Doutrina dos Espíritos achamos por bem que, estas primeiras páginas lhe sejam dedicadas, na transcrição que abre a obra editada pela Lake, e escolhemos para esta página.

“Ainda sob a dolorosa impressão do prematuro desencarne do venerável fundador da doutrina espírita, vamos empreender uma tarefa que seria fácil e simples para as sábias e experientes mãos dele, mas que seria impossível para nós, se não contássemos com o eficaz concurso dos benévolos Espíritos e com a indulgência dos leitores.

“Quem, entre nós, sem ser taxado de presunçoso, poderia possuir o espírito de método e organização com o qual se iluminam os trabalhos do mestre? Só aquela robusta inteligência poderia empregar tanto material, de natureza tão diversa, triturá-lo, transformá-lo, para esparzi-lo como saudável orvalho pelas almas sequiosas de conhecer e de amar.

“Incisivo, conciso, profundo, sabia agradar e fazer-se compreender através de uma linguagem simples e elevada, tão afastada do estilo familiar como das obscuridades da metafísica.

“Multiplicando-se incansavelmente, conseguiu, ele sozinho, bastar a tudo; como, porém, aumentasse, dia a dia, o trabalho pelo alargamento das relações e pelo incessante desenvolvimento do Espiritismo, preciso lhe foi valer-se de auxiliares inteligentes.

“Nesse ponto, quando preparava simultaneamente a reorganização da doutrina e das suas obras, deixou-nos para ir a mundo melhor colher o prémio da missão cumprida e reunir os elementos de nova empresa de devotamento e labores.

“Ele só, bastou a tudo! E nós, que nos podemos chamar legião, temos a convicção de que só nos manteremos à altura da situação se, não obstante a nossa fraqueza e inexperiência – nos firmamos nos princípios estabelecidos por ele, numa evidência incontestável, para a execução dos projectos que desejava realizar para o futuro.

“Enquanto seguirmos a senda por ele traçada e enquanto todas as boas vontades se unirem num esforço comum para o progresso e regeneração intelectual e moral da humanidade, o Espírito do grande filósofo estará connosco e auxiliar-nos-à com a sua poderosa influência.

“Possa ele suprir-nos a insuficiência tanto quanto possamos nós merecer dele adjutório, consagrando-nos à obra, senão com tanto devotamento e sinceridade, pelo menos, com ciência e inteligência.

“ALLAN KARDEC havia inscrito na sua bandeira o lema: trabalho, solidariedade, tolerância.

“Sejamos como ele, infatigáveis, e, como o desejava, tolerantes e solidários; sigamos-lhe o exemplo, lançando de contínuo à arena os princípios ainda pendentes de discussão.

“Apelemos para o concurso e para as luzes de todos e procuremos caminhar com segurança, em vez de o fazermos com celeridade, certos de que assim os nossos esforços não serão infrutíferos, sobretudo se, como o esperamos, e seremos os primeiros a dar o exemplo, nos esforçarmos cada um de nós por cumprir o dever, pondo de parte as questões pessoais para só cuidarmos do interesse comum.

“Não podíamos entrar, com melhores auspícios, na nova fase aberta ao Espiritismo, do que tornando conhecido dos nossos leitores, em rápido excuroso, o que foi, em toda a sua vida, o homem íntegro e honrado, o sábio de escol, fecundo, cujo nome passará à posteridade cercado da auréola própria de benfeitores da humanidade.”

(Continua no próximo número).

*

A vida é um pandinamismo colossal onde tudo se reduz a vibrações, desde o perfume de uma flor à asa de uma borboleta, ao canto de uma ave, ao brilho de uma estrela.

- António Lobo Vilela.

*

DESCRUCIFICAÇÃO DO CRISTO

O caso foi assim, na exposição do próprio autor, o padre Pierre Lange, sacerdote ilustre, publicista notável e coração generoso. Foi antes da primeira guerra, precisamente. Andava ele pelos arredores de Paris, em missão altruísta, quando se lhe deparou um menino de dez a doze anos, esmulambadinho e sujo, muito triste e muito pálido, um tipo perfeito de *gavroche*, como diria Victor Hugo. Um tipo de criança tão impressionante e digno de piedade cristã, que o sacerdote o chamou, com o coração cheio de mágoas e humanitarismo:

- Vem cá, meu filho, onde moras?

- Eu não moro, reverendo. Ando por aí, sem rumo e sem destino... Não tive pais. Minha mãe morreu quando eu nascia, tão ruim sou eu!

- Que comes tu?

- O que me dão, o que posso roubar, restos que apanho nas latas de lixo...

- Misericórdia, meu Deus! E onde dormes?

- Onde a noite me surpreende: nos adros das igrejas, debaixo dos *vagons*, dentro dos carros...

- E roupas?

-Mulambos. Roupas de outras crianças, que, por imprestáveis, me dão; peças que eu posso apanhar nos córadouros. Sou, reverendo, uma criança infeliz, um desgraçado, que não tem ninguém por si.

- Que não tem ninguém por si?! E Deus, que é Pai de todos nós?

- Já me disseram isso, mas eu não acreditei.
- Blasfémia, meu filho. Deus existe. É nosso Criador e Pai.
- Existe e é meu Pai?! Onde está Deus?
- Lá em cima, no Céu...
- Ah! É por isso, então, que ele não me vê nem me ouve.

Está tão longe, tão alto, e eu sou tão pequeno e estou tão baixo que ele, se existe, não me vê nem me ouve.

- Ironia e blasfémia, meu filho! Deus está contigo, comigo, com todos nós, cá em baixo...

- Onde, seu padre?

O reverendo ergue o crucifixo,, que lhe pende ao peito, e mostra a figura do Cristo, dizendo:

- Aqui está Deus, meu filho. Jesus é Deus. Anda, beija-o, e pede-lhe perdão das blasfêmias que disseste contra ele!

O menino, com esta irreverência bem gaulesa, fez um risinho velhaco, piscou o olho para o reverendo e ironizou:

- Ora, reverendo: neste Deus é que eu não creio! Eu só podia acreditar num Deus vivo, descrucificado, que viesse dar-me o que me falta: os pais que não tive, o lar e a escola, a alimentação e a roupa, o conforto e o carinho de que vivo à mingua. Mas acreditar num Deus que não tem poder para se descrucificar, para largar-se dessa cruz!... Se ele não pode salvar-se a si mesmo0 desta cruz, como poderá ajudar-me a carregar a minha, que é tão superior às minhas forças e que ele mesmo ma pôs aos ombros? Adeusinho, reverendo!

E lá se foi o *gavroche*, a assobiar uma canção brejeira.

O padre Pierre Lange, depois de contar, num estilo bem mais eloquente e comovente o episódio, apela para os seus pares, para os cristãos em geral, para a Igreja, dizendo:

- É preciso descrucificar o Cristo! Já é tempo de descrucificar o Cristo! Enquanto, a dentro das civilizações cristãs, houver crianças abandonadas e miseráveis, sem pais e sem lar, sem pão e sem escola, nessas civilizações o Cristo continuará crucificado, ainda que o Cristo houvesse recomendado: ‘Quem receber um desses pequeninos em meu nome é a mim que recebe. O que se fizer a um desses pequeninos, é a mim que se fará’.

O Sentido Espiritualista da Vida transmite ao homem o verdadeiro sentimento humanitário para todos, em geral, e, particularmente, para as crianças, que são os entes preferidos pelo Cristo, a pátria indefesa do presente e a pátria grande ou pequena, nobre ou vil de amanhã, a humanidade, enfim, do futuro...

LEOPOLDO MACHADO

(Transcrito da Revista Portuguesa ESTUDOS PSÍQUICOS, de Março de 1952).

Não quisemos alterar o texto, que achámos riquíssimo, mas não concordamos com a afirmativa de que “Jesus é Deus – afirmativa aliás bem conhecida de todos aqueles que frequentam a Igreja Católica, pois sendo Jesus filho de Deus, como todos nós, é assim mesmo que o devemos reconhecer. Aliás, esta afirmativa está baseada nas palavras do Divino Amigo “Eu e o Pai somos um”, interpretadas não no seu conceito moral mas na sua apresentação gramatical e gráfica.

M. V.

F È

E perguntais-me vós que ideia faço
De Deus na Criação? Sei lá que ideia!
(Invocai-o... Que sombra se incendeia
No vosso olhar de dúvida e cansaço!)

Talvez, ao seu poder, no infindo espaço,
O mundo seja um pó que revolteia;
Talvez esteja neste grão de areia
Que em meu caminho piso e despedaço.

Que ideia fiz de Deus? Sei lá... Nenhuma!
Perguntai vós a um hálito de espuma
O que entende do mar: se o sente e o vê.

Amo-o, pressinto-o: e mais não sei. Quem ama
Responde, não pergunta. É como a chama:
Sobe, alumia – sem saber porquê.

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

INTERCESSÃO PROVIDENCIAL

“A hora exige atenção e cuidado, ante o número expressivo de lobos disfarçados de ovelhas”. – MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA.¹

A pouco e pouco naquelas belíssimas plagas espirituais começaram a chegar os convidados para a efeméride anunciada com antecedência... Entre eles estava o Espírito Dr. José Carneiro de Campos, eminente médico dedicado ao humanitarismo.

Nobre Mensageira de Estância Superior viria comunicar-se connosco, obedecendo a uma programação adrede organizada, **para socorrer algumas Instituições Espíritas terrenas**, visto que labores antes realizados nessas Instituições com abnegação, agora sofriam sórdida perseguição de inimigos do progresso (já desencarnados), que se comprazem em semear intranquilidade entre as criaturas em perversa conspiração contra a ordem e o desenvolvimento moral.

Eis a importantíssima fala da nobre Entidade:

- A Paz de Jesus seja convosco!...

- Venho, em nome do *Amor não amado*, rogar-vos ajuda para a comunidade cristã-espírita que, neste momento, experimenta severos testemunhos...

O amor a Jesus em todas as épocas da humanidade sempre tem provocado a ira dos adversários da Verdade que O temem, investindo com ferocidade contra os seus vexilários, na ilusão de que, ao destruírem os seus corpos, aniquilam os seus ideais libertadores.

Não ignoramos que as forças do mal, ensandecidas e furiosas, ante o crescimento dos adeptos do *Consolador*, que vem recuperar os Espíritos enfermos, desertores e extraviados, a fim de trazê-los de volta ao *Cordeiro de Deus* sentem-se ameaçadas e, após reorganizações bem urdidas, atacam-nos com inclemência, tanto de forma subtil como em enfrentamentos dolorosos.

Utilizando-se da debilidade moral de muitos conversos que não amadureceram psicologicamente nos estudos sérios do Espiritismo, deles se utilizam como insatisfeitos e agressivos, perturbadores das hostes doutrinárias, de modo a criarem situações embaraçosas, de difícil solução pelos arrastamentos de outros invigilantes que a acção maléfica proporciona.

A intriga e a infâmia – armas mortíferas e de grande alcance – são utilizadas para denegrir os companheiros, lançá-los uns contra os outros, com desgastes de energia e de tempo malbaratados inutilmente.

Embora se pregando a tolerância, não a praticam, antes mantêm injustificáveis ressentimentos, filhos do orgulho em predomínio e da presunção doentia.

Por mais se exore a necessidade da prática do perdão, da gentileza, da caridade no trato com todos, comportam-se armados e muito sensíveis a qualquer palavra de admoestação que

interpretam conforme sua doentia situação, de modo a abrir feridas nos sentimentos debilitados.

Atormentados pelas paixões servis **transformam os núcleos espíritas, que devem ser dedicados ao estudo, à oração, ao recolhimento dos sofredores, a santuário de comunhão com o Mundo Espiritual superior, em clubes de futilidades, de divertimento, de comentários desairosos, de convívio para o prazer e de lancharias comuns...**

Lentamente, substitui-se a seriedade da mensagem por anedotório chulo e vulgar de duplo sentido, o que deixa doridas frustrações naqueles que os buscam amargurados, sofridos, com o coração ferido e a mente atormentada.

Se não bastasse essa conduta reprochável, o desrespeito aumenta e a desconsideração pelos humildes faz-se natural comportamento, sem qualquer atitude de compreensão e de misericórdia para com os *filhos do Calvário*, que o Mestre nos confiou para que deles cuidássemos...

Derrapa-se em relacionamentos de ocasião, que terminam em rupturas abruptas com mágoas e afastamentos das actividades, olvidados do altíssimo significado da responsabilidade abraçada e dos compromissos firmados antes do berço.

- Iniciada a grande transição planetária, reencarnam-se, na actualidade, embora hajam fruído de outras benéficas ocasiões (que desrespeitaram) antigos déspotas e criminosos, genocidas e bárbaros, fanáticos religiosos, odientos e zombeteiros espirituais que têm estado retidos em regiões inferiores, a fim de que disponham da sublime oportunidade de reparação e de crescimento na direcção do Bem.

Calcegas e alucinados promovem contendas e produzem justas ferozes, transformando as Instituições em campos de batalhas destrutivas, sem dar-se conta do prejuízo moral e doutrinário que ocasionam.

Para contê-los, amorosos benfeitores da humanidade vestem-se de matéria para socorrê-los e amá-los. Entre esses, a comunidade franciscana, que revolucionou o fim do século XII e o começo do século XIII, está renascendo para repetir a incomparável tarefa de reconstruir a igreja do amor, conforme Jesus havia solicitado a São Francisco, em São Damiano...

Têm a tarefa de preparar as mentes e os corações para o restabelecimento dos incomparáveis milagres do amor, conforme Jesus o fez, antecipado por missionários do conhecimento que, em Roma e em todo o Império, diminuíram o clamor das contínuas guerras, dando lugar às manifestações de justiça e de misericórdia de que foi rico o Seu ministério na Terra.

Depois virá, ele mesmo, o inesquecível *Cantor de Deus*, para apascentar o rebanho e levá-lo a Jesus... Tratar-se-à de um ministério de alta abnegação, qual aconteceu nos inolvidáveis dias do passado, quando modificou totalmente a estrutura da fé cristã, embora as tremendas adulterações que vieram após a sua desencarnação.

Infelizmente, ainda é da natureza humana o vício de adaptar o conhecimento libertador à estreiteza da sua compreensão, de submeter a lição sublime aos impositivos das paixões e dependências, hábitos doentios e conformistas, geradores do alucinado e equivocado prazer.

Em novo programa, no entanto, não deverão ocorrer os riscos que os representaram no pretérito, porque aqueles que se negarem a seguir correctamente ou criarem impedimentos à sua divulgação e vivência, serão exilados automaticamente, por meio da sintonia mental e moral com planeta inferior, para onde se transferirão em estágio forçado até que lhes ocorra a renovação indispensável, capaz de fazê-los ascender em retorno à Terra, mãe generosa que lhes é o berço feliz.

A soberba e o falso intelectualismo, a necessidade de variações de comportamento, vêm conduzindo expressivo número de adeptos da Revelação dos guias da humanidade; as propostas agressivas conforme a sua maneira de entender e alguns se atrevem a dar nova interpretação às obras da Codificação, num alucinado projecto de *actualizar* a Verdade, as reflexões do codificador inspirado pelo Senhor e *vaso escolhido* para a construção do mundo melhor.

Dominados pela vaidade, deixam-se outros dominar por Entidades intelectualizadas e de baixo nível moral, que os mistificam, assacando acusações indébitas contra tudo e todos que lhes não compartilhem as ideias esdrúxulas e extravagantes.

Graças à comunicação virtual, divulgam-se acusações sórdidas contra os servidores fiéis a Jesus, que não estão à cata de promoção pessoal nem de exibicionismo egóico, semeando espinhos pela senda que eles devem percorrer. Intimoratos, no entanto, esses discípulos da última hora, prosseguem inatingidos, ignorando o mal para somente construírem o bem.

Esse ultraje, ora subtil, noutros momentos, agressivo e directo, tem desanimado indivíduos frágeis que se fascinam com a

beleza da Doutrina e se decepcionam com a conduta de alguns daqueles que se apresentam como seus seguidores.

Piorando o quadro, no entanto, as disputas por cargos administrativos, a fim de imporem suas maneiras especiais de governança das consciências, em lamentáveis ressonâncias do passado, quando, em outros credos, foram impiedosos e dominadores, vêm-se tornando triviais, sempre em olvido das directrizes do Mestre ao afirmar – *quem desejar ser o maior seja o servidor de todos...*

Muito tormento por exibição pessoal tem induzido os descontentes à criação de esquemas de trabalho que violam a simplicidade da mensagem de Jesus, enquanto os outros se auto-denominam inspirados pelo próprio Senhor ou se apresentam como reencarnantes famosos, cujas existências foram de sacrifício e de abnegação, como se pudesse haver retrocesso no programa da evolução...

Misturam-se, em consequência, os interesses vis de encarnados com desencarnados, aumentando as dissensões e gerando os ódios que já deveriam estar ultrapassados pelas relevantes conquistas das ciências psicológicas que demonstram os malefícios que causam a todos quantos lhes permitem guarida na mente e no sentimento.

È momento muito grave, porque há urgente necessidade de consolação aos que se sentem deserdados, aturdidos com as ocorrências afligentes que os surpreendem nos mais diversos segmentos da sociedade.

A hora exige atenção e cuidado, ante o número expressivo de lobos disfarçados de ovelhas, com vozes mansas

e venenos nas palavras, que aparentam humildade forçada e são possuidores de ira incontável.

Urge que os servidores do Evangelho restaurado reconsiderem condutas e voltem a trilhar a difícil estrada pedregosa por onde peregrinou o Mestre, sem as lisonjas e os destaques sociais, nem as honrarias humanas que muito agradam a inferioridade moral e pervertem os sentimentos que se deveriam ornar de simplicidade e renúncia.

A tribuna espírita não é pódio para disputas de exaltação do personalismo nem instrumento de projecção da mesquinha necessidade de aplauso. Antes, é área de compromissos graves com o ensinamento exposto, de forma que valham mais os actos do que as palavras memorizadas em exórdios brilhantes. Isto porque, conhecendo as debilidades morais dos que ali se apresentam, os adversários espirituais seguem-nos, empurram-nos a compromissos afectivos ilusórios e desgastes sexuais resultantes do fascínio que exercem em pessoas viciadas e de mente pervertida. Dominados para a instalação de conflitos que os atormentarão, que os levarão ao abandono das tarefas, quando contrariados ou simplesmente entediados, a caminho de desditosas depressões e obsessões soezes.

A Instituição Espírita de hoje deve evocar a *Casa do Caminho* onde Pedro, Tiago e João viveram os ensinamentos de Jesus e mantiveram a continuação do contacto com o Mestre, a fim de que tivessem forças para o testemunho, o sublime holocausto da própria vida.

- É chegado o momento de intensificarmos o intercâmbio feliz com os companheiros mergulhados na indumentária carnal,

que se têm mantido fieis e padecem as injunções difíceis do momento turbulento.

De todo o lado apresenta-se o sofrimento em multífaces, cada hora alcançando uns e outros, sem qualquer excepção, porque o momento é de selecção de valores, no qual, aqueles que estiverem com Jesus, definir-se-ão pela permanência na batalha, enquanto outros optarão pelos prazeres com que se comprazem.

Necessário que intervenhamos nos programas de obsessão em massa que vêm ocorrendo, num arrastamento alarmante, a ponto de constarmos que, em quase todos os quadros de patologias variadas, estão presentes os adversários espirituais do paciente, explorando-lhe as paisagens mentais e emocionais. Sabemos que, na raiz de toda a enfermidade, o problema é o próprio doente, que se torna predisposto à instalação dos distúrbios na saúde, à contaminação pelos agentes destrutivos, pelos transtornos que nele se fixam. Além disso, verificamos também a instalação das matrizes psíquicas que facultam as obsessões perversas.

Vozes espirituais, em momentosos intercâmbios mediúnicos, vêm conclamando os trabalhadores do Bem à vigilância e à oração, em exórdios e discursos comovedores. Mensagens de admoestação carinhosa são transmitidas nas células espíritas enobrecidas pela caridade, enquanto servidores sinceros percebem a gravidade do momento, e médiuns sinceros, fieis, constatarem as ocorrências infelizes na psicósfera pesada que se abate sobre todos.

As orações unidas de amor suplicam amparo para a seara visitada pelas pragas perigosas e a inclemência da situação perturbadora, e a sua ressonância alcançou elevadas regiões

espirituais que sediam os responsáveis pelo progresso do planeta em nome de Jesus. Como efeito, soa o clarim anunciador de perigo e movimentam-se legiões de obreiros desencarnados, concitados à campanha de defesa que se faz de emergência.

Em várias comunidades espirituais próximas da Terra, instalam-se grupos de auxílio e servidores especializados nesse mister são destacados para o enfrentamento que já vem ocorrendo.

- Vimos solicitar o apoio de todos os membros da Comunidade Redenção, **para que sejam organizados grupos de vibrações em favor dos irmãos em testemunho**, a fim de que as Instituições Espíritas e os seus trabalhadores, especialmente os portadores de mediunidade dignificada, sejam enriquecidos de bênçãos em forma de coragem e mantenham um padrão de ondas mentais como um canal por onde fluam as energias do amor e da abnegação como acontecia nos gloriosos dias do martírio...

Em razão das facilidades de divulgação do Espiritismo na actualidade e da sua relativamente fácil aceitação por indivíduos de todas as procedências e pelas massas ansiosas, não se creia que os testemunhos já não se façam necessários.

São eles agora de outra ordem, com características mais subtis e mais perigosas, porque são entretecidas habilmente malhas fortes que envolvem aprisionam os invigilantes e alcançam também os bons servidores.

Que ninguém se escuse às provações de amor e de fidelidade na seara da luz! Que ninguém tema os hábeis conciliábulos dos maus e suas façanhas, porque acima deles, brilha a luz da verdade!

O Mestre não deixa aqueles que O amam ao abandono ou ao esquecimento.

Mantende-vos confiantes!...

Para o feliz desiderato, além dos grupos de vigilantes e encarregados de orações intercessórias, de cada comunidade seguirão equipas de técnicos no que diz respeito às obsessões, para o esforço de soerguimento moral dos afectados, despertamento dos adormecidos na indiferença, prosseguimento dos laboriosos e lutadores devotados. Principalmente também, com o objectivo de atrair para as falanges do Bem os extraviados, que se permitem o engodo de transformar-se em inimigos de Jesus.

Unidos mental e emocionalmente, seremos como diferente exército que combate com as armas da compaixão e do esclarecimento, da misericórdia e do amor.

O Senhor comanda-nos e convida-nos à grande batalha da luz clareando a treva, do perdão substituindo a vingança; da pureza e da humildade em lugar da luxúria e da prepotência.

Que Ele mesmo nos impulsione e conduza, são os nossos fervorosos votos para todos.”

1 – FRANCO, Divaldo Pereira. *Perturbações espirituais*. Salvador: LEAL, 2015, cap. I, p. 13-22.

(Este texto foi-nos enviado por ROGÉRIO COELHO, E Mauriaé – Minas Gerais, Brasil, agradecendo-lhe a oportunidade do mesmo)

DEUS

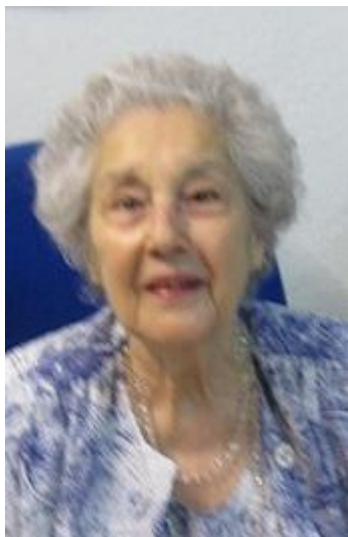
Espírito do Abismo e das Alturas,
Que em tudo quanto vive se derrama:
Já luz esparsa, antes de ser a chama!
Criador que se fez das criaturas!

Alma que deu sua alma às pedras duras!
Amor tão desamado que nos ama!
Génio que inspira a noite e a treva inflama,
Desde as ondas às verdes espessuras!

Centro e fusão de todas as distâncias;
Velhice-mãe de todas as infâncias
E futuro de quanto há de morrer...

Possa a minha alma ver-te um só segundo,
Presente e em ti, - Pretérito do mundo,
Infinito imortal do Verbo Ser!...

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA



Estela dos Prazeres Tavares Braga Apell

Natural de Valença foi em Lourenço Marques que a conhecemos, onde fez a sua vida e lhe nasceram os filhos.

Com a independência de Moçambique, também ela se tornou “retornada”, ficando, entretanto, em Lisboa, onde passou a viver com o filho e a mãe que, mais tarde, veio a desencarnar. A filha, casada, saíra de Lourenço Marques para passar a viver em Johannesburg com o marido e os filhos. Depois do nascimento do terceiro filho divorcia-se mas continua no Rand. Mais tarde, tinha o filhote cinco anitos, vem para Portugal com a filha do meio e o mais novito – a mais velha quis continuar na África do Sul, onde já começara a trabalhar e a namorar.

Em Lisboa, a Estela acolhe a filha, que chega muito doente, e os dois netos, e quando a filha desencarna é ela que assume a responsabilidade da criação e educação das crianças, que

a outra avó dizia não ter saúde para os ter em casa, limitando-se a recebe-los durante uma semana, no tempo de férias.

Mas o Marco, o mais novinho, era doente – uma doença que pedia cuidados extremos, e a Estela percorre Lisboa e procura os médicos que lhe são indicados para que ao neto nada lhe falte de assistência na doença. Criança extremamente nervosa, o que complicava o seu estado normal, o médico avisa a avó que o menino não pode enervar-se porque qualquer crise de nervos faria o seu estado piorar; o Marco dava-se mal com o marido da Estela que, perante esta advertência do médico põe de parte o seu anelo de “velhice tranquila e feliz” e separa-se do marido para que o neto não piore.

Graças aos cuidados da avó, o Marco sobreviveu, estudou, trabalha e constituiu já uma nova vida, com uma moça a quem a avó o obrigou a falar da sua doença, para que, mais tarde, não surgissem surpresas de qualquer espécie com o ... “ninguém me disse nada!”...

A outra neta tirou o curso de germânicas e trabalha, deslocando-se a Paris volta que não volta, no desempenho das suas funções.

Sócia fundadora da COMUNHÃO, a Estela ali compareceu até quase aos seus últimos dias, vinda semanalmente do Bairro das Colónias onde vivia, apoiada numa canadiana, até à Casa que ajudara a erguer.

Admirámo-la muito, pelo seu exemplo de amor pelo próximo e de renúncia à própria felicidade, quando colocou o bem-estar do neto em primeiro lugar.

Mas o tempo, que conta para todos nós, fez-se anunciar para ela também, e a Estela partiu, na madrugada do dia 14 de Abril, depois de ter indicado, para o filho e restantes familiares, as suas últimas vontades, o que queria que fizessem... de todos se despedindo com um sorriso, sabendo que a vida continua e um dia todos nos voltaremos a encontrar!

Partiu com um sorriso... que talvez estivesse a dar também, aos entes queridos que a estavam a recepcionar à sua chegada ao mundo que é o de todos nós.

Em Novembro faria 90 anos!

Que o Senhor a tenha na Sua paz.

.

*

*O Homem é o artífice do seu destino e só se eleva
Pelo mérito dos seus actos de altruísmo, de bondade
E de caridade. – ANDRY-BOURGEOIS.*

*

DÍVIDAS CÁRMICAS

Visão Espírita

Inicialmente, lembramos que ao cometermos um ‘erro’, estamos – pelo exercício do nosso livre arbítrio -, agindo de forma contrária à lei da harmonia do Universo, ou seja, à Lei de Deus. Ao agirmos dessa forma, criamos, em nós mesmos, campos de energias desorganizados, ou seja, fluidos desarmonizantes que deverão ser removidos ou reequilibrados em nossa estrutura perispiritual.

Ao contrário do que imaginávamos, quando éramos principiantes no estudo da Doutrina Espírita, não há a necessidade absoluta de ‘pagarmos’ as dívidas adquiridas pelos erros cometidos com a moeda do sofrimento ou da dor. Há sempre a oportunidade para saldarmos nossa dívida com a lei maior do Universo, com a moeda do trabalho e do amor ao próximo.

Lembro-me de emocionante depoimento de um Espírito ao retornar ao mundo extra-físico. Tratava-se de um senhor que, desencarnando aos 98 anos, foi recebido no mundo espiritual com muita festa, alegria, flores e luzes que o envolviam. Surpreendentemente, o referido senhor, tomado de profunda emoção, entre lágrimas, assim se expressou:

- Amigos, há um engano, eu não sou digno dessa linda recepção, vocês não sabem que eu sou um assassino? – Ao que respondeu, delicadamente, um dos Espíritos auxiliares que o recepcionava:

- Querido amigo, todos nós conhecemos a sua história, você não é um assassino. Você, aos 18 anos, para defender a sua namorada, matou um jovem que estava tentando abusar dela. Depois disso, casou-se, tornou-se um excelente marido, pai presente e actuante, avô amoroso e um bisavô exemplar. À frente de suas empresas, proporcionou o mais digno ambiente de trabalho aos seus empregados. No meio social, sempre deu os melhores exemplos de solidariedade, compreensão e afectividade.

O idoso senhor, ao escutar o relato do amigo espiritual que o recebia, colocou:

- Mas, eu não devo pagar pelo que fiz? Afinal... dei um tiro no coração, matei aquele jovem...

- Você já pagou a dívida que contraiu consigo e com a lei da natureza, que é a Lei de Deus. Seu trabalho dos 18 aos 98 anos e seu amor ao próximo reconstruíram as energias desequilibradas que gerou em si mesmo.

- Mas eu não devo pagar, sofrendo, pelo que fiz?

- Você já pagou a sua dívida com a Lei de Amor do Universo, saldando-a com a moeda do amor e do labor, não é necessário que pague com a dor.

- Mas, e aquele que eu matei? Eu sei que em outra vida, talvez já na próxima, eu tenha de me encontrar com ele... O que vai acontecer?

- Querido amigo! Aqueles que, como você, já conquistaram valores éticos e espirituais também têm a necessidade de reencontrar os que feriram no passado, e esse encontro será, agora, muito mais proveitoso. Após precioso estágio no nosso plano, você aprimorará ainda mais seu conhecimento e sua ética. Renascerá na terra e lá, reencontrando o seu amor, ou seja, aquela que foi sua esposa na vida actual – serão pais daquele jovem.

- Ele será nosso filho?

- Sim. Filho único e de temperamento difícil. Necessitará ser muito amado. Ele herdará todos os seus bens, que serão dados a ele com amor, pois esse jovem estará na condição de seu filho. Porém, o maior bem que você, meu querido amigo, legará a ele será o seu exemplo, sua educação, seus valores éticos. Você já conquistou esse direito, continuará pagando, saldando sua dívida com a moeda do amor e do labor...

RICARDO DI BERNARDI

(In: Revista Espírita Brasileira REFORMADOR, da FEB, Março de 2015).

*

*Trabalha! À terra que te der o pão,
Cerca-a de rosas, enche-a de beleza...
Sê bom, sê livre e belo e forte e são...*

A. CORREIA DE OLIVEIRA

O QUE JESUS SIGNIFICA PARA MIM

Embora haja dedicado grande parte de minha vida ao estudo das religiões e na discussão com chefes religiosos de todas as crenças, sei perfeitamente que só parecerá como presunção de minha parte escrever sobre Jesus Cristo e tratar de explicar o que ele significa para mim. Faço-o somente porque meus amigos cristãos têm dito, em mais de uma ocasião, que, pela única razão de que não sou cristão e porque (reproduzo exactamente as suas palavras) “eu não aceito o Cristo no fundo do meu coração como o ‘único’ filho de Deus”, é impossível para mim compreender o profundo significado de seus ensinamentos, ou conhecer e interpretar a maior fonte de força espiritual que jamais o homem conheceu.

Ainda isto pode ou não ser verdade no meu caso, pois tenho razões para crer que é um errôneo ponto de vista. Estimo que semelhante consideração seja incompatível com a mensagem que Jesus Cristo deu ao Mundo. Porque Ele foi, certamente, o mais alto exemplo de ‘UNO’ que desejou dar, sem pedir nada de volta e sem preocupar-se com o credo que poderia professar o beneficiado. Estou seguro de que se Ele vivesse agora entre os homens, beneficiaria a vida de muitos, que talvez nunca tenham ouvido o seu nome, bastando que unicamente demonstrassem as virtudes de amar o próximo como a si mesmo e de que Ele foi exemplo na Terra: «As virtudes de amar o próximo como a si mesmo é de fazer obras boas e caritativas entre os nossos semelhantes».

Isto foi, creio eu, o que mais importou a Ele, tal como está escrito no grande livro da cristandade: «Não o que grita – Senhor!

Senhor!, senão o que cumpre a vontade de meu Pai que está nos Céus».

Que significa, então, Jesus para mim? Para mim, Ele foi um dos mais completos mestres que a Humanidade tem tido. Para seus crentes, Ele foi o único Filho concebido por Deus.

Pode o facto de que eu aceite ou não esta crença, fazer com que Jesus tenha mais ou menos influência em minha vida? Dever-me ser proibida toda a grandeza de seus ensinamentos e de sua doutrina? Creio que não.

A palavra ‘concebido’ tem para mim um significado que é mais profundo e possivelmente mais nobre do que seu simples sentido literal. Para mim, implica num berço espiritual. Minha interpretação, em outras palavras, é de que, na própria vida de Jesus, está a chave de Sua proximidade com Deus; que Ele expressou, como ninguém pôde fazê-lo, o espírito e a vontade de Deus. É neste sentido que eu o vejo, reconhecendo-O – Filho de Deus.

Porém, também creio que existe algo daquele espírito de que foi Jesus o maior exemplo, no seu mais profundo sentimento humano. Devo crer; se não o cresse, seria um céptico e ser um céptico é viver uma vida vazia e órfã de qualquer conteúdo moral, o que equivaleria condenar toda a raça humana a um fim negativo.

É verdade que há certa razão para o cepticismo quando se observa a sangrenta carnificina provocada pelos agressores da Europa e da Ásia, e quando se pensa na miséria e nos sofrimentos que prevalecem em todos os rincões do mundo, da mesma maneira que nas pragas e fome que se seguem a todas as guerras. Diante

disto, como se pode falar seriamente do divino espírito encarnado no homem?

Porque estes actos de terror e assassinato ofendem a consciência do homem; porque o homem sabe que esses são sinais de maldade, porque, no mais íntimo de sua mente e coração, os deplora. E porque, sobretudo, quando não marcha enganado, extraviado por falsas noções, ou corrompido por falsos condutores, o homem sente dentro de seu peito um impulso para o bem e para a compaixão, o que é a chispa da divindade, e que algum dia, eu o creio, fará abrir a flor que é a esperança de todo o género humano.

Um exemplo desse florescimento pode encontrar-se na figura e na vida de Jesus. Recuso que exista, ou haja existido, uma pessoa que não tenha adoptado Seu exemplo para minorar seus pecados, ainda que possa assim proceder inconscientemente. Todas as vidas humanas, em maior ou menor grau, têm sido modificadas ou beneficiadas por Sua presença, Suas acções, e pelas palavras pronunciadas por Sua divina voz.

Creio que é impossível avaliar com precisão o mérito das variadas religiões do mundo, e, além de tudo, creio que é necessário e prejudicial tentar fazê-lo. Porém, cada uma delas, segundo meu parecer, encerra uma força geratriz que os tornam comum: “o desejo de elevar a vida do homem e dar-lhe um ideal digno”. Interpreto os milagres de Jesus, não num sentido literal, que me parece bastante sem importância, mas como a dramática e inolvidável expressão de tal impulso, como a mais vivida lição que nos poderia ser oferecida, isto é, não fazer que o homem suporte as enfermidades, nem julgar aos que tenham pecado aos olhos do mundo, senão com piedade, perdoando a uns, ajudando a todos para encontrar o caminho de uma nova vida, na crença firme de

que o homem que renasce pode redimir e apagar o seu antigo pecado.

Esta lição chega-nos pela mesma forma com que foi oferecida aos homens e mulheres dos tempos de Jesus. Nesta lição e na lição de Sua própria vida, Jesus deu à Humanidade o magnífico propósito e o único objectivo para o qual todos devemos aspirar. É precisamente a causa dos ideais e objectivos pregados por Jesus, e a causa da existência de um ser como Jesus, das que não admitem pessimismos. Antes, pelo contrário, sinto-me cheio de esperança e de confiança no futuro. E porque a vida de Jesus tem a significação e a transcendência aqui aludidas que eu a creio não pertencendo só à cristandade, senão ao mundo inteiro, a todas as raças e a todos os povos, sob qualquer bandeira, titulo ou doutrina trabalhem, professem uma fé ou adorem um Deus herdado de seus antepassados.

MAHATMA GANDHI

(In: Revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Investigação Psíquica, Maio/Junho de 1947).

*

PROCUREMOS COM ZELO

‘Procurai com zelo os melhores dons e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente. - PAULO – (I Coríntios, 12:31).

A ideia de que ninguém deve procurar aprender a melhorar-se para ser mais útil à Revelação Divina é muito mais

uma tentativa de consagração à ociosidade que um ensaio de humildade incipiente.

A via é um curso avançado de aprimoramento, através do esforço e da luta, e se a própria pedra deve sofrer o burilamento para reflectir a luz, que dizer de nós mesmos, chamados, desde agora, a exteriorizar os recursos divinos?

Ninguém interrompa o serviço abençoado da sua educação, a pretexto de cooperar com o eu, porque o progresso é um comboio de rodas infatigáveis que relega para trás os que se rebelam contra os imperativos da frente.

É indispensável avançar com a melhoria consequente de tudo o que nos rodeia.

E o Evangelho não endossa qualquer atitude de expectativa displicente.

A palavra de Paulo é demasiado significativa.

Dirigindo-se aos coríntios, o apóstolo da gentilidade exorta-os a procurarem com fervor os melhores dons.

É imprescindível nos dispunhamos a adquirir as qualidades mais nobres de inteligência e coração, sublimando a individualidade imperecível.

Cultura e santificação, através do trabalho e da fraternidade, constituem dever para todas as criaturas.

Auto-aperfeiçoamento é obrigação comum.

Busquemos, zelosos, a elevação de nós mesmos, assinalando a nossa presença, seja onde for, com as bênçãos do serviço a todos, e tão logo estejamos integrados no esforço digno, dentro da acção pessoal e incessante no bem, o Alto nos descortinará mais iluminados caminhos para a ascensão.

EMMANUEL

(In: FONTE VIVA, méd. Francisco C. Xavier, ed. FEB, cap. 54).